

1868
JOSÉ ANTÓNIO MADEIRA

A Biblioteca-Museu de LOULÉ e a sua organização

Comunicação apresentada ao Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, em Lisboa, em 21 de Junho de 1960.



6
Separata de
«A VOZ DE LOULÉ»

1 9 6 0



MUSEU DO TRAJE

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Inv. N. 5042 Localização _____

JOSÉ ANTÓNIO MADEIRA

*A Biblioteca da Casa do
Algarve, em Lisboa, homenagem
de José Ant. Madeira*

13-X-61

A Biblioteca-Museu

de

LOULÉ

e

a sua organização



Comunicação apresentada ao Conselho Su-
perior Regional da Casa do Algarve, em
Lisboa, em 21 de Junho de 1960.



Separata de
«A VOZ DE LOULÉ»
1 9 6 0

Senhor Presidente:

Como representante de Loulé neste organismo superior a que V. Ex.^a mui dignamente preside, tenho a honra de submeter à douda apreciação deste Conselho Regional um estudo pertinente à instalação de uma *Biblioteca-Museu* na honrada e notável vila de Loulé. Não é a primeira vez que me refiro à benemérita instituição cultural que a Câmara do meu concelho criou na sua sede, datando de Junho de 1956 a última mensagem que dirigi por intermédio da Direcção desta Casa ao Dr. Maurício Monteiro, então presidente da Câmara Municipal, e à sua prestimosa Edilidade, congratulando-me com essa valiosa contribuição em prol da difusão da instrução e da expansão da cultura. Considero o facto como serviço relevante a juntar a tantos outros que a Municipalidade tem prestado nestes últimos trinta anos aos habitantes do concelho.

Data, pelo menos, de 1928 a primeira diligência oficial da Câmara, então presidida pelo Dr. José Joaquim Soares, para a criação da *Biblioteca Municipal*, tendo o seu vice-presidente, sr. José Cláudio da Silva Mendes, tomado a iniciativa, com o consenso unânime, de enviar uma circular solicitando a oferta de livros. Pode dizer-se que as Vereações que presidiram depois aos destinos do concelho, não descuraram este importante problema, chegando a constar nalguns Relatórios de Gerência, aprovados pelo Conselho Municipal, determinadas verbas para esse fim. O devotadíssimo louletano sr. José da Costa Guerreiro no decurso da sua longa presidência tentou por várias vezes resolver essa justíssima aspiração, tendo até recebido autorização superior para o provimento de um bibliotecário no quadro do pessoal da Câmara. Dos seus planos de actividade raros são aqueles que não se refiram à projectada instalação da Biblioteca Municipal. Procedimento idêntico e nobilitante foi seguido por outras vereações, devendo-se ao prestigioso e erudito algarvio, Dr. Maurício Monteiro, durante a sua administração, em 1956, a nomeação de uma comissão instaladora da «biblioteca popular e o museu municipal», sob a presidência do ilustre professor do Liceu de Faro, Dr. Joaquim da Rocha Peixoto de Magalhães (Vide «A Voz de Loulé» de 16 de Março de 1956). Mandou também construir algumas estantes para o fim em vista.

Até hoje esta prestante iniciativa da criação da biblioteca não tem encontrado facilidades para a instalação condigna em casa apropriada. Confiemos agora, totalmente, no comprovado poder de acção

do dedicado Presidente sr. Francisco Guerreiro Barros para a solução satisfatória do tema em questão.

Em reconhecimento pela valorização espiritual do concelho, que tem merecido de todas as vereações a melhor atenção e carinho, permita-se-me que deixe aqui exarados os nomes dos Ex.^{mas} Presidentes da Câmara, aqueles que passaram pelo poder desde 1926 e que foram grandes paladinos da sublime causa da instrução. Na ordem cronológica são os seguintes:

Dr. José Joaquim Soares, sr. José Cláudio da Silva Mendes, sr. Francisco José Faisca Teixeira, sr. Manuel Guerreiro Pereira, Dr. José Joaquim Soares, sr. Artur Baptista Sequeira, Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, sr. José da Costa Guerreiro, Dr. Aires de Lemos Tavares, sr. José da Costa Guerreiro, Dr. Maurício Monteiro, sr. José João Ascensão Pablos, Eng.^o Júlio Cristóvão Mealha e, actualmente, o sr. Francisco Guerreiro Barros.

Loulé caminha firmemente para a solução dos seus problemas principais, colocando-se no alto nível que lhe imprimiu a cuidadosa administração dos seus dirigentes nas últimas décadas. A parte material e mesmo social que constitui hoje a aspiração máxima da vida dos povos, pode considerar-se em franco progresso e sem receio de confronto com outras terras de maior renome, oferecendo ao visitante que por ali passa condições apreciáveis sob muitos aspectos. Até esse tristíssimo e vergonhoso quadro de mendicidade que aflige tantas terras do País e que constitui obstáculo sério ao desenvolvimento do turismo, foi praticamente resolvido, mercê dos dotes magnânimos e altruístas dos filhos dilectos desse grande concelho, onde quer que se encontrem. A supressão dessa degradante situação que atormenta o turismo nacional, teve em Loulé solução modelar, criando-se para isso uma associação de assistência que bem merece dos louletanos rendidas homenagens pela brilhante acção que tem despendido, conseguindo centralizar e distribuir equitativamente os donativos das pessoas caridosas da terra.

O «Diário de Notícias» de 25 de Fevereiro do ano findo, insere um brilhante artigo do distinto escritor de turismo português, sr. Guerra Maio, sobre o problema da mendicidade, onde descreve com grande realismo esses vergonhosos espectáculos públicos que ocorrem pelo país fora, detendo-se em justos encómios na ausência de mendigos na ilhas açorianas. Desde hoje o ilustre jornalista pode acrescentar que na *honrada e notável* vila algarvia, o turismo encontra um ambiente similar de que poucas terras do continente se podem vangloriar.

No seu património cultural e artístico sob o ponto de vista social, há ainda lacunas a preencher, especialmente no primeiro tema onde é notório o desfazamento em relação aos restantes sectores da sua actividade. Quero referir-me à *biblioteca-museu* municipal, cujo valor se torna desnecessário encarecer como instrumento de transmissão das conquistas que o pensamento humano vai alcançando no transcurso dos tempos. Disse um grande escritor: «E através dos livros que se estabelece o diálogo universal dos homens». Grande verdade que a época actual mais acentuadamente reflete na sua nova estruturação intelectual, procurando elevar a mentalidade dos aglomerados urbanos sub-desenvolvidos.

As bibliotecas e os museus não se devem concentrar apenas nos grandes centros deixando as cidades pequenas e vilas à margem dessas instituições de cultura tão benéficas na renovação dos quadros espirituais da Nação.

A progressiva vila de Loulé com o seu ensino primário, secundário e técnico num grau já bastante apreciável, tem jus a enquadrar-se no panorama da cultura portuguesa, instalando adentro dos seus muros uma biblioteca pública e um museu regional.

A «A Voz de Loulé» de 16 de Junho de 1956, publicou, em lugar de relevo, um bem elaborado artigo assinado por J. G. P. intitulado «Ainda Bem» onde o autor, ilustre professor sr. Joaquim Guerreiro Pereira, justifica e concretiza as razões que o levaram a emitir, há trinta anos, como vereador da Câmara, a sua ideia da criação e funcionamento de uma biblioteca-museu em Loulé, ventilando neste seu estudo conceitos de ordem prática integrados na ética da cultura geral.

Entre outros que se têm ocupado desta justa pretensão, é digno de menção especial o intemorato conterrâneo sr. Augusto César Bolutinha pelos seus primorosos artigos em prol desta causa eminentemente dignificadora da Educação Nacional.

Quanto ao *museu regional* que o sr. professor Guerreiro Pereira englobou, e muito bem, no seu notável trabalho, como complemento da biblioteca, considero igualmente de grande projecção na história pátria e sobretudo na do concelho onde não faltam os mais variados documentos e tradições, autêntico reportório característico e regional do artesanato, de arqueologia, de etnografia, de folclore, de ictiologia, tudo, enfim, que dá extraordinário realce ao seu património espiritual e cultural.

O visitante curioso ou o investigador erudito poderia apreciar nesse centro de tradições caracterizadamente regionalistas, de relance ou demoradamente, um quadro que viveria perenemente no seu espírito ávido de saber, observando inúmeros espécimes ali dispostos ordenadamente e classificados por secções com notas explicativas sobre a origem e utilidade de cada um. Apreenderia numa visão perspicaz de conjunto as variadas manifestações de actividade do maior e mais populoso concelho do Algarve no que respeita à sua *Etnografia* que abrange os costumes e a vida mental e social, como a indumentária típica, antiga e moderna, adornos, adereços, etc.; ao *Folclore* onde não faltam tradições populares expressas nas suas superstições, lendas, contos, adágios e provérbios, canções e baladas, danças, festas, jogos, poesias, episódios, etc.; ao seu *Artesanato* nos mais variados aspectos como os afamados artigos manufacturados de «emprelta» de palma e esparto, cestos de cana e de vime, mantas de trapos e de lãs, albardas, esteiras de cana e de tabua, alfôrjes de linho e de lã, cilhas, arados, colheres de pau, velas de cera, tecidos de linho, cadeiras com assento de tabua e de «baracinha» arcas e baús de madeira, baldes, fogareiros, mós manuais de moer milho para a confecção do xerém, covos de cana, almofarizes de madeira, de pedra, de ferro e de bronze, cintas pretas tecidas de algodão ou seda (traje antigo característico do montanheiro), candeias e candeiros para iluminação a azeite, botijas de lata para azeite (almotolias), pelias de ferro para animais, alfaia agrícolas, cabramos de pita, bonecos de trapos, flores de papel, trempes, os afamados artigos decorativos de cobre e lata eximamente cinzelados, cordas de pita e de esparto, olaria moldada pelo artífice nas «rodas», equipamentos para animais de tracção, etc.; à sua *Indústria pré e proto-históricas*; à sua *Arqueologia e Escultura*; à *Metrologia*; à *Iconografia*; à *Arte Sacra* e *objectos litúrgicos*; à *Ictiologia* da sua costa marítima, especialmente de Quarteira, tudo, enfim, de característico e original que se relacione com a história e ciências subsidiárias.

Em *miniatura* poderia admirar os variados tipos de chaminés artísticas da região; barcos e aprestos de pesca usados na sua magnífica praia de Quarteira; carros, carrinhas e diligências antigos e modernos; reconstituição da vida familiar do montanheiro (cozinha e quarto de dormir); indústria de olaria caseira; etc. Em *documentação fotográfica* certos trabalhos agrícolas, industriais e piscatórios da região, tais como a apanha da alfarroba, da amendoa e do figo incluindo o almanxar (almaxar, almixar, almeixar) da sua seca, etc.. Neste mesmo género de documentação e em galeria própria, poderia conhecer a história dos louletanos e amigos devotados do concelho que se distinguiram nas artes, nas letras, nas ciências, em actos de benemerência, na vida religiosa, na gesta dos descobrimentos, nas campanhas do Ultramar, enfim, em todos os feitos homéricos em que o homem se pode immortalizar. Haveria lugar para muitas individualidades tais como Gonçalo de Loulé, D. Francisca de Aragão, Mestre filósofo Arabe Al-Oriani, Frei Joaquim de Loulé, Frei Luís da Cruz (antes Luís Teixeira), Frei Estêvão de Loulé, Lourenço Esteves, Alvaro Fernandes Palenço, Mem Ribeiro, Gonçalo Nunes Barreto, António da Gama Nunes, Manuel Fernandes Bexiga (conhecido por Bexiga de Alfontes), Lisuarte de Aragão, António Jacques de Palva, António Mendes Neto, João Ataíde Mascarenhas, Jerónimo de Barros da Silva, Francisco de Sousa Cabrita, Manuel de Ataíde Neto; Diogo Lobo Pereira, Sebastião Cordeiro, Manuel Soeiro, Azevedo e Silva, Francisco Augusto Correia Barata, pintor Joaquim José Rasquinho, Tenente Barros, da Goldra, Major Tomé Martins Faisca, dos Barreiros, escritor e investigador Ataíde de Oliveira, poeta Cândido Guerreiro, poeta António Aleixo, professor Cabrita da Silva, Mons. Freitas Barros, Bernardo Lopes, José da Costa Mealha, António da Costa Ascensão, Engenheiro Duarte Pacheco e tantos e tantos outros «que da lei da morte se libertaram». Igualmente noutra galeria, deviam ficar os nomes dos combatentes do concelho que perderam a vida no Ultramar ou no estrangeiro ou que se distinguiram contra o inimigo que nos atacou em território nacional.

A *Biblioteca-Museu de Loulé* que o Município instalaria em sede própria, poderia iniciar a sua fundação por intermédio de uma *comissão central* ou *concelhia* com sub-comissões nas principais cidades do País onde residem louletanos de persistente devoção pela sua terra e dispostos a não desistirem perante as dificuldades. O escol assim formado faria um veemente apelo à consciência dos bons louletanos, exaltando-os num frêmito de inegalável baírrismo a colaborarem nessa prestante instituição.

Estou convicto que não faltaria a generosidade de todos em prol de uma obra eminentemente regional, afluindo em massa os mais curiosos e valiosos documentos.

Neste quadro em que o meu espírito parece mais optimista do que nunca, antevejo até a benemerência de alguns conterrâneos que por circunstâncias especiais da sua vida, talvez não hesitem em legar à sua terra os mananciais de cultura e todo o recheio das suas bibliotecas particulares, incluindo mesmo certas recordações das horas boas e más, do seu fecundo labor e das suas bem merecidas distrações, elevando assim o renome da sua vila e ficando com a certeza de que os seus livros e curiosidades encontrarão ali ordenamento condigno, desde a classificação até à sua zelosa conversação. O leitor assíduo ou o visitante interessado ocorreria àquela prestimosa instituição e se-

ria ele o próprio a arrastar adeptos que se debruçariam com ardor nos ideais de cultura.

* * *

A maioria das nossas bibliotecas municipais tem sido criada por iniciativa particular, à custa de doações e legados de beneméritos das respectivas localidades. Poderia citar muitas que beneficiaram desta regra mas, como exemplo, limito-me a quatro ou cinco existentes em concelhos inferiores em população ao de Loulé:

A de *Castelo de Vide* deve-se a três estudantes do ensino superior (1867-1870) que planearam a sua fundação para auxiliar os que seguissem os estudos e facilitar a educação das classes menos abastadas. O exemplo, coroado do melhor êxito, depressa foi seguido por outros seus conterrâneos que além de livros deixaram legados para a construção de um edifício adequado a esse fim e ainda como anexo uma escola primária. Há dez anos já possuía mais de cinco mil volumes.

A de *Anadia* foi criada por um legado do capitão de milícia ao serviço de D. Miguel, Albano de Almeida Coutinho e enriquecida mais tarde com uma importante doação do falecido estadista José Luciano de Castro. A de *Vila Nova de Gaia*, poucos anos após a sua fundação, foi consideravelmente enriquecida mercê de valiosos legados entre os quais é digno de menção o do sr. comendador Adolfo de Sá Monteiro num total superior a 5.000 volumes.

A de *Santa Comba-Dão* possui os mais variados assuntos do saber humano e em homenagem ao seu principal benfeitor, cônego Alves Mateus, foi-lhe dado este nome. A doação foi feita pelo herdeiro Dr. António da Silveira.

No nosso Algarve encontramos também bibliotecas municipais fundadas com donativos particulares, haja em vista a de *Tavira* do último quartel do século passado, por virtude de um legado em livros feito por José Joaquim Jara.

Quanto aos museus posto que as dévidas não sejam tão avultadas e frequentes como nas bibliotecas, muitos há que devem a sua existência à filantropia particular. Assim: O de *Alcácer do Sal*, fundado no último quartel do século passado por Joaquim Correia Baptista; o de *Alpiarça*, instalado no rico solar denominado «Casa de Patudos» do grande homem público dr. José Relvas, que legou à Câmara além do edifício as suas valiosíssimas colecções; o de *Cascais*, doado à Câmara pelo Conde de Castro Guimarães; o de *Torres Novas*, fundado pelo dr. Rafael Salinas Calado; o de *Vila do Conde*, organizado pelo sr. Ellsero Fernandes Pinto; o de *Vila Nova de Gaia*, constituído pela Casa-Museu de Teixeira Lopes e Museu Municipal de Azuaga, nome do seu fundador, sr. Marciano Azuaga que foi chefe da estação do caminho de ferro daquela vila; *Ilhavo*, *Pinhel*, *Vila Franca de Xira*, *Castro Marim* e outros concelhos de somenos importância ao de Loulé, possuem também museus com variadas colecções de objectos. Até a pequena povoação de *Odrinhas*, na estrada de Sintra para Mafra, se ufana de possuir um pequeno Museu Arqueológico constituído por espécies encontradas no próprio local.

Alguns jornais do Algarve deram a notícia que a invicta Vila de Olhão da Restauração, desejando facilitar e difundir a cultura entre os seus munícipes e dar a conhecer a sua nobilíssima história, os cos-

tumes e tradições, desde remota data, projecta instalar na sua sede uma *Biblioteca-Museu*, ombreando assim com as terras que não descuram os problemas da instrução. Este facto deve constituir júbilo reconfortante para todos os algarvios que amam a sua província.

* * *

Não tenho credenciais que me permitam citar nomes de louletanos afeiçoados à sua terra natal e que possam seguir os exemplos desses generosos benfeitores, mas quero deixar aqui registada essa convicção como uma realidade, criando-se, para tal, em mútua compreensão, a *Liga dos Amigos da Biblioteca-Museu de Loulé* que constituiria o mais forte pilar do progresso dessa nova instituição.

Sem desprimor ou menos consideração para as individualidades cujos nomes omito, recordo-me dos seguintes:

Dr. Manuel Rocheta, comandante Correia de Barros, almirante Cabeçadas, General Santos Correia, coronel Sousa Rosal, coronel Sebastião Peres Gomes, Prof. Dr. Délio dos Santos, Eng.º Joaquim Laginha Serafim, dr. Humberto Pacheco, dr. Guerreiro Murta, dr. Quirino Mealha, dr. Leão Ramos Ascensão, eng.º José Soares Cabeçadas, dr. José Pedro Guerreiro, dr. José Francisco Nunes Guerreiro, dr. António de Sousa Pontes, eng.º João Farrajota Rocheta, comandante Daniel Rocheta, dr. José Isidro Rocheta, dr. José Espadinha Rocheta, eng.º Alexandre Herculano Nobre dos Santos, dr. Ricardo Vila, dr. José do Nascimento Costa, comandante António Tengarrinha Pires, major Luís Filipe de Albuquerque Rebelo, Juiz dr. Francisco de Albuquerque Rebelo, dr. Francisco de Sousa Inês, sr. Augusto Bolotinha, sr. Carlos Bolotinha, sr. Pedro de Freitas, dr. Léllo Macias Marques, dr. Noémio Macias Marques, dr. Sérgio Macias Marques, D. Maria Apollinária Macias Marques, D. Maria Ondina Macias Marques Mira, dr. José de Mendonça Caleiras, sr. Artur Pontes da Piedade, sr. António Gala, Prof. eng.º Manuel Gomes Guerreiro, dr. Manuel Viegas Guerreiro, sr. Manuel Pereira Viegas, D. Lúcia Guerreiro Pereira, D. Maria do Carmo Coelho Corpas, D. Maria Inês Pereira Moreira de Sousa, D. Maria do Carmo Corpas Coelho, eng.º Brito da Mana, herdeiros do falecido Mons. Freitas Barros, D. Antónia Vila Costa, Juiz-Desembargador dr. José Manuel Pilar, dr. João Ramos Seruca, dr. Francisco Ramos Seruca, sr. José Ramos Seruca, sr. José Martins Rainha, dr. José Maria de Freitas Martins, sr. Jaime Estevéns, dr.ª Maria Iolanda Pinto Wahnnon, dr. Orlando Pinheiro Pinto, sr. Manuel Bota Filipe Viegas, D. Filomena Bota Filipe Viegas Lopes Cunha, tenente António Filipe Viegas, tenente Orlando José Sequeira da Silva, eng.º José Farrajota Ramos, dr. Daniel Cabeçadas, Padre João Cabeçadas, dr.ª Maria José Cabeçadas Ataíde Ferreira, D. Berta Guerreiro Cabeçadas, sr. Joaquim Guerreiro Cabeçadas, dr. José do Carmo Carrilho, sr. Vital Barros Carrilho, sr. António de Sousa Gonçalves, professora D. Maria Constância de Sousa Gonçalves Pereira da Silva, cap. Joaquim Guerreiro Domingues, D. Rosa Cabeçadas, dr.ª Agar Guerreiro Passos Pinto, eng.º Otman de Sousa Guerreiro, eng.ª Raquel Seita da Silva Teixeira, D. Maria Amélia Seita dos Anjos, sr. Manuel Augusto Barreiros, oficial do Exército sr. Joaquim Marçal Carrusca, cap. Noberto Amílcar de Sousa Luís Ramos, D. Maria Amélia Ramos Elias, dr. Cástulo Manuel Moreira Correia, eng.º Joaquim Farrajota Laginha,

dr. José Rafael dos Santos Nunes, dr.^a Albertina Nunes Cavaco, eng.^o Analide da Silva Guerreiro, eng.^o António de Castro Barbosa, D. Maria das Dores Barreiros, dr.^a Aura Laginha Ramos, dr. Raul Guerreiro, dr. Joaquim dos Santos Nunes, dr. Luís Pontes Maceta, dr. Manuel Sequeira Figueiredo, sr. Joaquim Manuel Santos Galo, dr.^a Maria Armada Ramos Correia Pinto, coronel Joaquim de Brito Vinhas, dr. João Delgado Guerreiro, D. Maria Ascensão Pereira Portela, sr. Adelino Eusébio Mendes, sr. Carlos de Sousa Viegas, sr. João de Sousa Viegas, dr.^a Elisa Cravinho, eng.^o Manuel Farrajota Ramos, sr. Pedro Lino da Graça Iria, architecto Manuel Maria Laginha, eng.^o João Manuel Farrajota Seruca, dr. José Manuel Leal Seruca, dr. Sérgio Farrajota Ramos, tenente de marinha Sérgio Serafim Guerreiro, eng.^o José Martins Rufino, dr.^a Raquel Leal Careto, sr. José Guerreiro Pereira, dr. Alvaro Carrilho Ramos, eng.^o Idomélio Carrilho Ramos, dr.^a Maria José Farrajota Laginha, D. Ilda Carapeto Seruca Sousa Uva, dr.^a Maria de Sousa Gomes R. Maia, dr.^a Antonieta Bento Casanova, dr.^a Maria Zulete B. Casanova, dr.^a Maria do Sameiro Ponte P. Moreira, sr. Anacleto de Sousa Pinguinha, dr. Marcos de Sousa Pinguinha, sr. Joaquim de Sousa Pinguinha, D. Ana de Sousa Pinguinha, D. Cecília Farrajota Barrocoso, eng.^o Manuel Lourenço Teixeira Faisca, eng.^o António Dias Pires Teixeira, dr. Virgílio Costa, sr. António Barros Costa, eng.^a Aida Rodrigues Calico de Brito, dr.^a Maria Lesita Rodrigues Calico, dr. Rogério Fernandes Ferreira, D. Maria Brito Barracha Ferreira, D. Maria Hermitério Faria Guerra, sr. Francisco de Brito Barracha, cap. António Alberto Carrilho Cavaco, 2.^o ten. Hernâni de Sousa Martins Bota, eng.^o Manuel Frade Mora Féria, D. Maria das Dores Mora Féria, professora D. Claudina Rocheta, D. Maria Campina, sr. João Abel Teixeira, sr. Francisco das Dores Gonçalves, sr. José António Madeira Barros Barriga, dr. Arnaldo Faisca, sr. Daniel de Sousa Faisca, Sérgio Pedro Madeira, José Nunes Coelho, José Campos Rodrigues, Sebastião A. da Silva Ricardo, Octávio António Fernandes.

Alguns destes nomes devem-se à amabilidade do zeloso genealogista louletano, sr. Manuel Guerreiro Pereira. Aqui lhe consigno os meus agradecimentos.

Seria meu desejo deixar registados muitos outros, mas torna-se difícil por razões fáceis de compreender (só na cidade de Lisboa residem cerca de três mil louletanos). Quanto àqueles que vivem na sua província dispenso-me de exaltar quão seria igualmente apreciada a sua generosidade a favor desta benemérita iniciativa.

Entre as individualidades mencionadas permita-se-me que enumere alguns nomes tidos há muito no consenso dos meus conterrâneos como benfeitores. É de justiça realçar por direito próprio da sua alma nobre e de eleição a figura insinuante do Dr. *Humberto Pacheco*, cujos actos de magnanimidade e altruísmo têm sido comprovados vezes sem conta em prol dos mais necessitados. Suponho que seria extremamente grato aos seus sentimentos generosos, encontrar na sua terra ambiente condigno que acomodasse a sua livraria e ricas colecções de raridades e, sobretudo, o histórico recheio de livros e documentos que pertenceram a seu irmão, o grande Ministro Duarte Pacheco *«que viveu uma vida velozmente vivida e inteiramente consagrada ao progresso pátrio»*, legado que só por si constituiria um pequeno museu da obra fulgurante do notável estadista que reformou e traçou as linhas mestras de um Portugal renovado.

Ideia semelhante vai ser efectuada em Setúbal no ano corrente, durante as comemorações do seu centenário de elevação à categoria

de cidade por D. Pedro V, devendo constituir-se a *Casa-Museu* Barbosa du Bocage no prédio onde nasceu o poeta. Além de toda a bibliografia bocageana que existe actualmente na Biblioteca Municipal daquela linda cidade do Sado, será reconstituído ali o ambiente da época com documentos iconográficos e mobiliário relacionados com a vida de tão ilustre personagem.

De igual forma procede actualmente a *comissão cultural* da Chamusca, envidando todos os esforços para instalar uma Biblioteca-Museu naquela vila, esperando a riquíssima dádiva do recheio da Casa de Lisboa do grande benemérito chamusquense Eng.^o Amaral Neto.

O Dr. *José Guerreiro Murta*, professor eminente e escritor insigne que Portugal conhece e admira; *General J. Santos Correia* distinto oficial do Estado Maior do nosso Exército, com uma brilhante folha de serviços prestados às nossas instituições militares; *Almirante José Mendes Cabeçadas Júnior*, figura nacional que dispensa quaisquer referências e a quem Loulé prestou há muito justa homenagem dando-lhe o seu nome a uma das principais praças (era então tenente da nossa marinha de guerra); *Excelentíssimos herdeiros de Monsenhor Freitas Barros*, o bisneto do célebre «tenente da Goldra», deviam sentir-se igualmente desvanecidos legando ao Município de Loulé a biblioteca desse grande publicista e orador sagrado a quem a Câmara do seu concelho vem homenageando anualmente com um prémio escolar com o seu nome; e muitos outros que me dispense de mencionar.

Não desejo tornar-me impertinente com outras citações de cujas provas me não restam dúvidas. Bastaria o patrocínio desse escol de algarvios ilustres que mourejam a vida longe da sua terra para tornar em realidade a obra planeada.

Deixei para o fim, sem que isso constitua um facto transcendente, a declaração pública e solene, contida neste documento e lida por mim ante o Conselho Superior Regional da Casa do Algarve em Lisboa, e com a presença de alguns meus conterrâneos, de legar, em devido tempo, os livros, documentos pertinentes e valores filatélicos a favor da *Biblioteca-Museu de Loulé*; dádiva simbólica e de pequena monta mas que traduz a gratidão pela terra onde iniciei as primeiras letras e senti o surgimento da minha débil inteligência.

Congratulo-me sobremaneira com a resolução de poder contribuir assim para o progresso do projectado solar da actividade cultural do Município e seguir o exemplo, ainda que modesto, de certas individualidades que noutras terras têm trilhado caminho idêntico.

Observatório da Tapada, 4 de Junho de 1960

Eng.^o Dr. José António Madeira

Vice-Presidente do Conselho Superior Regional
da Casa do Algarve

COMPOSTO E IMPRESSO

NA

GRÁFICA LOULETANA

— LOULÉ —